



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Pedagogia

MARIA CELESTE S. M. CERQUEIRA

A influência da família no desempenho da criança na escola, a partir de uma perspectiva sócio-cultural.

Salvador
2008



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Pedagogia

MARIA CELESTE S. M. CERQUEIRA

A influência da família no desempenho da criança na escola, a partir de uma perspectiva sócio-cultural.

Monografia apresentada ao Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia, como requisito para conclusão do Curso de Pedagogia.

Orientador (a): Professora. Dra. Fernanda Maria Gomes Almeida

Salvador - Bahia
2008



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Pedagogia

MARIA CELESTE S. M. CERQUEIRA

A influência da família no desempenho da criança na escola, a partir de uma perspectiva sócio-cultural.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Doutor Cleverton Suzart _____

Professora Doutora Maria Cecília de Paula Silva _____

Professora Doutora Fernanda Maria Gonçalves Almeida _____

Fernanda Maria Gonçalves Almeida
Orientadora

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, o meu **Senhor e Salvador Jesus Cristo** a quem tanto amo.

A meu esposo **Roque** e minha filha **Raquel**, pedras preciosas que o Senhor me deu.

A tia **Si** por sua preocupação e cuidado.

A **Pastora Léia**, grande amiga e companheira.

A orientadora **Fernanda Almeida** pela dedicação e paciência.

A tia **Maria** que muito torceu por mim.

A professora **Maria Couto**, por todas as lições que me ensinou.

A todos que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho.

EPÍGRAFE:

“Se a Educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda”.

(Paulo Freire)

RESUMO

A monografia “A influência da família no desempenho da criança na escola, a partir de uma perspectiva sócio-cultural” é consequência de uma grande investigação feita em uma escola pública da periferia de Salvador, especialmente com a turma da 4ª série do ensino fundamental. Foi observada como a família - dando ênfase à família pobre e aos aspectos sócio-culturais – influencia no aprendizado da criança na escola. Que fatores levam a criança pobre ao fracasso escolar?

Foram aplicados questionários e entrevistas para alunos, pais e professores, contendo perguntas específicas e relacionadas ao tema, além da conversa informal, que também contribuiu bastante para o enriquecimento desse trabalho. O referencial teórico abrange autores como Paulo Freire, Marilena Chauí, Pierre Bourdieu e outros, dando alicerce a tudo o que foi observado no trabalho empírico.

A análise dos dados, associada à investigação proporciona a reflexão e conscientização da importância da família no aprendizado da criança na escola e incentiva a nós, educadores, pais e sociedade a lutar, gerando uma ação efetiva em conjunto para a melhoria do aprendizado da criança pobre.

Palavras Chave: Família; Escola; Criança.

SUMÁRIO

Apresentação.....	8
1. Introdução.....	10
2. Justificativa.....	20
3. O papel da escola na formação do cidadão consciente.....	24
4. Procedimentos Metodológicos.....	32
4.1. Tipo de pesquisa.....	33
5. Análise dos dados colhidos	34
5.1. A escola- Espaço pesquisado.....	34
5.2. Reações e eventualidades.....	35
5.3. O Fracasso escolar: de quem é a culpa?.....	37
5.3.1. Alunos.....	37
5.3.2. Pais.....	39
5.3.3. Professora.....	41
6. Considerações finais.....	44
7. Referências.....	45
8. Anexos.....	47

APRESENTAÇÃO

A monografia *A influência da família no desempenho da criança na escola, a partir de uma perspectiva sócio-cultural*, é resultado de pesquisa teórico-empírica, desenvolvida sobre literatura pertinente e ida a campo, em escola de Ensino Fundamental, envolvendo levantamento de dados sobre alunos, pais, a coordenadora e a professora da 4ª série, de um colégio da rede pública, situado num bairro periférico da cidade de Salvador, Bahia.

Este trabalho teve como finalidade cumprir os requisitos finais exigidos pelo Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Bahia e quis verificar de que forma a família pobre influencia no aprendizado da criança na escola. Para tal, situou sua metodologia no Estudo de caso.

As práticas de coleta de dados utilizadas foram entrevista e questionários para alunos, pais e professora.

A hipótese do projeto era que as condições sócio-culturais influenciam o desempenho da criança pobre na escola.

Assim, o referencial teórico aborda os fatores sócio-culturais, a escola como instrumento ideológico,

A análise dos dados tem o objetivo de estimular a reflexão sobre a importância da família no aprendizado da criança pobre na escola e tentar promover a parceria e complementação que deve haver entre família e escola.

A questão do fracasso escolar sempre foi um objeto de interesse de estudiosos, pais e professores, principalmente no que diz respeito aos motivos que levam uma criança a fracassar.

O senso comum costuma julgar os pais, a incompetência dos professores ou até atribui à falta de interesse do aluno. Mas essa é uma questão que vai muito além de palavras ou especulações.

Há um conjunto de fatores que podem levar uma criança ao fracasso escolar, e é preciso que haja um estudo mais detalhado, observações mais precisas para se chegar a uma conclusão.

A identificação desses fatores é o primeiro passo para, ao menos, amenizar a situação, mas não é suficiente. A partir daí, levantam-se as formas, os métodos e atitudes, que devem ser tomadas por parte dos professores e pais, para tentar solucionar o problema.

Por ser uma questão que sempre esteve comprometida com todas as épocas da sociedade, e de importância valiosa, foi desenvolvido este trabalho.

Mas, muito além desses motivos, pelas experiências e observações realizadas em escolas da rede pública em estágios, e, pela necessidade de enxergar e, ao menos, tentar reverter a situação das crianças pobres, através da educação. Sem dúvida, a pretensão é de que este trabalho forneça informações para professores e pais, para auxiliá-los a lidar com a questão do mau desempenho em sala de aula.

Com a certeza de que este trabalho contribuirá para a formação de uma visão mais realista do quadro das crianças pobres, este é exposto de forma clara e convincente, visando acima de tudo, conscientizar os professores e pais de que eles são peças fundamentais para a melhoria do aprendizado dessas crianças.

INTRODUÇÃO

1. ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS E DESEMPENHO ESCOLAR

Conforme se coloca, anteriormente, a família exerce forte influência na formação psíquica e educacional de seus filhos, além dos outros óbvios aspectos biológicos, morais, sócio-econômicos e culturais.

Levando em consideração o aspecto sócio-cultural, as novas exigências da vida moderna fizeram com que a família tradicional, antes numerosa, formada por muitos membros, venha sendo substituída por uma família menor.

Devido às dificuldades financeiras, dentre outros fenômenos, vive-se em muitas famílias a cultura do filho único.

Esse fato é comum nas famílias, onde os pais são mais instruídos a respeito de métodos contraceptivos. Enquanto que na família pobre, apesar dos poucos recursos, o número de filhos é maior.

Esse fator dificulta inclusive, a vida escolar das crianças pobres.

Ou seja, a desigualdade social, que há em todos os âmbitos da sociedade, repercute no ambiente da escola, fazendo com que as crianças pobres e desfavorecidas experimentem o fracasso em seu desempenho escolar.

Existem várias circunstâncias palpáveis que levam a compreender essa afirmação, como por exemplo, a alimentação precária dessas crianças.

Segundo Ceccon (1998, p. 86):

“É também nesse período que uma alimentação equilibrada e sadia é necessária para construir uma base sólida sobre a qual a criança vai se desenvolver futuramente. Está provado que numa carência de vitaminas pode resultar em handicaps ao nível da inteligência. Com isto, ao chegar à escola, algumas crianças terão sérias dificuldades em seguir as demais.”

Isso significa que a deficiência na alimentação reflete diretamente nas funções psíquicas e cognitivas de uma criança, especialmente a criança pobre.

Mas a problemática não se restringe somente a esse fator, e inclusive se estende à condição do ambiente em que vivem do tipo de família.

Conforme, ainda, Ceccon (1998, p. 73):

“É coisa sabida que as condições de vida, o local de residência, o tipo de família, o meio ambiente, o tempo de que dispõem os pais para se ocupar das crianças e ajudá-los nos deveres escolares desempenham um papel decisivo nos resultados obtidos pelos alunos nas escolas.”

Essa afirmação quer dizer que quando a criança cresce num ambiente saudável e propício a ela, a perspectiva dessa criança ser bem sucedida em seu desempenho escolar é grande. Se não, a tendência maior é o fracasso.

Sobre esse assunto Ceccon (1998, p.19) revela a fala de uma mãe:

“Em casa falta comida, o marido vem bêbado, a criança vai para a escola e a professora fala ‘seu filho é burro’, olha, não há mulher que possa agüentar.”

É quase impossível uma criança que cresce num ambiente desajustado, não apresente problemas de aprendizagem e até de mau comportamento na escola.

As dificuldades que essas crianças enfrentam são também de ordem afetiva, pois muitas delas não têm o carinho da família e até mesmo são agredidas, não só fisicamente, mas, sobretudo psicologicamente, com palavras ofensivas do tipo: “Você nunca vai dar para nada mesmo”.

Isso influencia muito em seu aprendizado na escola.

De acordo com Schiff (1994, p.157):

“Como uma flor precisa de sol, uma criança precisa de afeto para desenvolver sua inteligência... Uma criança que não se sente amada e apoiada tem muito pouco a aprender...”

É possível perceber as dificuldades de aprendizado nas crianças que têm a obrigação – devido à situação financeira da família – de trabalhar para ajudar a colocar o pão na mesa e pagar as contas. Esta é uma pesquisa que foi realizada pelo IBGE, no ano de 2008, mostrando a quantidade de crianças e jovens por estado, vítimas dessa situação, mostra:

TRABALHO INFANTIL			
Números no Brasil			
Minas Gerais	306.090	Amazonas	54.841
Bahia	291.818	Mato Grosso	52.210
Ceará	216.893	Espírito Santo	45.523
Maranhão	197.096	Rio Grande do Norte	43.706
Pernambuco	196.152	Rio de Janeiro	41.963
São Paulo	185.734	Rondonia	38.685
Rio Grande do Sul	182.338	Sergipe	36.042
Pará	167.505	Tocantins	32.516
Paraná	158.176	Mato Grosso do Sul	30.266
Santa Catarina	104.805	Acre	19.826
Piauí	83.501	Roraima	10.530
Alagoas	76.498	Distrito Federal	6.109
Paraíba	71.813	Amapá	3.974
Goiás	63.479	Total	2.718.089

FONTE: IBGE / PNAD

Fonte: Pesquisa realizada pelo IBGE: Trabalho infantil nos estados Brasileiros.

O resultado da pesquisa aponta a realidade dura e crua de grande parte dessas crianças, que mesmo tendo crescido numericamente como estudantes, ainda permanecem vinculadas como trabalhadoras.

Schiff (1994, p.120) afirma:

“Sem dúvida, os estudantes pertencentes às classes populares, entre os quais muitos precisam trabalhar, além de estudar, levam mais anos do que os outros para obter determinado diploma, o que aumenta artificialmente seu número nas estatísticas oficiais.”

Esse é um dos fatos que comprometem de forma expressiva e muitas vezes decisiva no desempenho e até na permanência da criança na escola.

Em uma entrevista concedida à revista Nova Escola em 26/02/1989, Freire (1995, p.35) declara:

“As crianças populares brasileiras não a deixam porque querem. As crianças populares são expulsas da escola – não, obviamente, porque esta ou aquela professora por uma questão de pura antipatia pessoal expulsa estes ou os reprove. É a estrutura mesma da sociedade que cria uma série de impasses e dificuldades, uns em solidariedade com os outros, de que resultam obstáculos enormes para as crianças populares não só chegarem à escola, mas também, quando chegam, nela ficarem e nela fazerem o percurso a que têm direito.”

Fica evidente que abandono da sala de aula é um fator importante, que vale levar em consideração, mas não de forma decisiva.

Na concepção de Bourdieu (1982, p.163), em diferentes fases do curso escolar, são excluídos dos estudos os estudantes se eliminam antes mesmo de serem examinados e que a proporção daqueles cuja eliminação é mascarada pela seleção abertamente operada difere segundo as classes sociais.

Bourdieu (1982, p.164) também concorda com o pensamento de Freire, quando diz:

“Por não se analisar o que a desistência resignada dos membros das classes populares diante da Escola deve ao funcionamento e às funções do sistema de ensino como instância de seleção, de eliminação e de dissimulação da eliminação sob seleção, fica-se inclinado a ver na estatística das oportunidades escolares que torna evidente a representação desigual das diferentes classes sociais nos diferentes graus e nos diferentes tipos de ensino apenas a

manifestação de uma relação isolada entre a performance escolar, considerada em seu valor facial, e a série de desvantagens que se prendem à origem social”.

Somado a essa questão, ainda existem as más condições de infra-estrutura que as escolas freqüentadas pelas crianças provindas da classe popular oferecem.

É possível evidenciar na maioria dessas escolas as cadeiras e mesas quebradas, banheiros sujos, paredes riscadas, bebedores destruídos, sem falar da falta de materiais didáticos básicos, como: lápis, borracha, caderno, papel ofício e até giz.

Numa entrevista concedida à revista Nova Escola em 26/02/1989, Freire (1995, p. 33) argumenta:

“Como ensinar e aprender com alegria numa escola cheia de poças d’água, com a fiação ameaçadora desnuda, com a fossa entupida, inventando enjôo e náusea?”

A escola sozinha realmente não é responsável pelo desempenho da criança, mas tem papel complementar ao da família.

Sendo assim, é fundamental que a escola sirva de suporte na formação dessas crianças.

Associada a esse problema de infra-estrutura, se encontra a questão da relação entre professores e alunos.

O problema não se restringe apenas ao aspecto físico da escola, mas a maneira como a educação em sala de aula dessas crianças é conduzida pela maioria desses professores.

O que se pode observar na atuação desses é o reflexo de uma grande insatisfação, proveniente do sucateamento da educação, da falta de cursos de formação e reciclagem, salários baixos e atrasados, e desgaste do dia a dia em sala de aula.

A conseqüência disso é os maus tratos e as agressões verbais contra os alunos.

Para a maioria desses professores, afirma Freire (1987, p.48):

“O bom aluno é... uma criança dócil, paciente, que sabe calar-se e escutar o que o professor fala. A gente da nota boa aos que ficam quietinhos na carteira.”

Essa maioria de professores não leva em consideração o cotidiano difícil de seus alunos, não procura saber por que muitos vão mal à escola e acabam tirando conclusões equivocadas.

Os pais dessas crianças terminam sofrendo em virtude desse pré-julgamento.

De acordo com Ceccon (1985, p.41):

“Na verdade, os pais se sentem intimidados e humilhados diante da professora que tem de fato um grande poder sobre o destino de seus filhos e que, muitas vezes, não leva em conta todas as dificuldades e sacrifícios que eles enfrentam para que os filhos estudem.”

Desta maneira, é também possível perceber que a repercussão maior é refletida na vida escolar das crianças e em todas as áreas de suas vidas. Elas são acometidas por um sentimento de baixa-estima e inferioridade.

Segundo Freire (1981, p.50):

“De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isso, terminam por se convencer de sua ‘incapacidade’”.

Schiff afirma que a cadeia mais eficaz é a que a dar aos dominados a ilusão de sua impotência. Para que uma ordem social opressiva possa funcionar sem choques, é indispensável que as mulheres, os operários e todos os demais grupos oprimidos estejam convencidos de sua inferioridade e impotência.

Confirmando essa idéia Freire (1981, p.42) argumenta:

“Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão.”

Ou seja, a própria instituição escolar, através dos próprios professores incorpora no pensar de seus alunos, a idéia de que eles são incapazes, impotentes quanto às suas situações e que nada pode modificar essa realidade, nem eles mesmos. Isso é ideológico.

Assim confirma Chauí (1980, p. 86), quando afirma:

“Portanto, enquanto esses dois trabalhos estiverem separados, enquanto o trabalhador for aquele que “não pensa” ou “não sabe pensar”, e o pensador for aquele que não trabalha, a ideologia não perderá sua existência nem sua função.”

Se não bastasse, ainda há a questão dos conteúdos sem significação que os professores utilizam em seus programas, gerando desinteresse por parte dos alunos, e formando indivíduos sem consciência de valores, desprovidos de criticidade das coisas e limitados em seu poder criador.

Sobre essa questão, Freire (1980, p.79) declara:

“Assim, a educação passa a ser ‘o ato de depositar’, no qual os alunos são os depósitos e o professor aquele que deposita”.

Reforçando sua posição, esse autor salienta (1980, p.92):

“Não se pode chegar à conscientização crítica apenas pelo esforço intelectual, mas também pela práxis: pela autêntica união da ação e da reflexão”.

Em outras palavras, não há condições de formar cidadãos conscientes na sociedade, apenas aprendendo que *o rato roeu a roupa do rei de Roma*.

É fundamental que os professores, além de ensinar os conteúdos, associem à realidade de cada educando.

Desta forma, Freire (1980, p. 39), comprometido com uma educação libertadora, argumenta:

“É preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história...”

Percebe-se que existem interesses por trás dessa educação alienante. Interesses por parte da classe dominante em fazer com que a classe dominada permaneça alienada, a fim de que aqueles continuem dominando.

Chauí (1980, p.41) comenta muito bem sobre isso:

“Ora, quando a interiorização não ocorre, isto é, quando o Sujeito não se reconhece como produtor das obras e como sujeito da história, mas toma as obras e a história como forças estranhas, exteriores, alheias a ele e que o dominam e perseguem, temos o que Hegel designa como alienação.”

E é através da conscientização do aluno, pela aquisição de sua própria visão do mundo, que haverá transformação nesse quadro.

Paulo Freire (1980, p.40) defende a idéia de que o homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade, se não é auxiliado a

tomar consciência da realidade e de sua própria capacidade de transformá-la. Se um professor não desperta em seus alunos a consciência crítica, a capacidade de argumentar e questionar, ele está formando futuros adultos manipulados pela realidade que os cerca.

A escola passa a ser, então, um instrumento de manipulação da classe dominante.

Segundo Savianni (1994, p.42):

“Já que a escola reproduz as relações sociais vigentes através da formação da força de trabalho e da inculcação da ideologia dominante, sua função é garantir a exploração dos trabalhadores e reforçar e perpetuar a dominação capitalista”.

Isso significa que tudo isso é grande artifício para que essa situação venha a continuar se reproduzindo na vida escolar das crianças pobres.

Só que muito mais do que isso, com o objetivo de impedir os dominados de exercerem a cidadania e fazê-los submeter às suas regras políticas.

Chauí (1980, p.76) comenta:

“A sociedade civil concebida como um indivíduo coletivo é uma das grandes idéias da ideologia burguesa para ocultar que a sociedade civil é a produção e reprodução da divisão em classes e é luta de classes.”

Para Freire, a conscientização é o caminho para a transformação, mas Chauí vai mais além.

A autora (1980, p.71) ainda declara:

“A divisão social, que separa proprietários e destituídos, exploradores e explorados, que separa intelectuais e trabalhadores, sociedade civil e Estado, interesse privado e interesse geral, é uma situação que não será superada por meio de teorias, nem por uma

transformação da consciência, mas pelas relações sociais de produção e suas representações pensadas.”

2. Justificativa

A família, sem dúvida, exerce forte influência no desempenho da criança em seu processo de aprendizagem escolar. É, principalmente, através da família e, refletindo suas condições sócio-culturais, que vão se determinando os resultados obtidos pelos alunos, definindo o seu futuro. Mas, esta representa apenas um dos agentes dessa determinação.

Neste trabalho, dentre os cenários de família justificadores de resultados escolares das crianças, destaca-se o da criança pobre e carente, presente em nossa sociedade.

Podemos fazer um pequeno paralelo entre duas realidades da sociedade, para compreendermos melhor como funciona o sistema de educação que exclui as crianças pobres.

De um lado, uma minoria, da classe média e alta, que usufrui de uma posição social privilegiada. Os pais das crianças dessas classes podem oferecer, não somente toda sorte de alimentos para seus filhos, mas também uma educação de qualidade, assistência médica, lazer, viagens internacionais, cursos, além de todo aparato em equipamentos tecnológicos de última geração, como computador, mp4, câmera digital e outros.

Para complementar a configuração dessa realidade, é fundamental falar do universo escolar em que essas crianças estão inseridas. Esse espaço é caracterizado por abundância em recursos didáticos e audiovisuais; os estudantes deleitam-se em atividades que servem de suporte e complemento cultural, educacional e de desenvolvimento físico e psicológico, tais como aulas de música, teatro, dança, natação, informática e inglês, dentre outras. Essas condições estimulam e favorecem a vida escolar, contribuindo, assim, para o bom êxito em seu aprendizado, e, quando passam por dificuldades de aprendizagem, o cuidado dos pais é redobrado.

Sobre essa questão Freire (1994, p.79) declara:

“Se um aluno corre o risco de ser reprovado, estes pais lançarão mão de toda uma série de recursos para evitar que o filho seja levado a interromper os estudos: conversas com o professor, ajuda em casa, aulas particulares, promessas de recompensas em caso de superação da dificuldade e, em último caso, mudança para uma escola particular mais fácil...”

Levando em consideração o fato do mercado de trabalho admitir os profissionais mais preparados, esses são os que têm maiores possibilidades de desenvolverem carreiras bastante promissoras, reforçando a conquista do seu lugar de destaque social.

Bourdieu (1982, p.167) fortalece essa afirmação quando declara:

“Considerando-se, assim, que as diferentes trilhas e os diferentes estabelecimentos atraem muito desigualmente os alunos das diferentes classes sociais em função de seu êxito escolar anterior e das definições sociais, diferenciadas segundo as classes, tipos de estudos de estabelecimentos, compreende-se que os diferentes tipos de curriculum asseguram oportunidades muito desiguais de se atingir o êxito no ensino superior.”

Fica claro que a Escola é um agente disseminador da desigualdade existente entre as classes sociais. Esse autor (1982, p.175) é enfático em argumentar:

“Se toda operação de seleção tem sempre indissociavelmente por efeito o controle das qualificações técnicas por referência à estrutura das relações de classe que o sistema de ensino contribui para perpetuar, em suma, se a Escola detém simultaneamente uma função técnica de produção e de comprovação das capacidades e uma função social de conservação e de consagração do poder e dos privilégios, compreende-se que as sociedades modernas forneçam ao sistema de ensino múltiplas ocasiões de exercer seu poder de converter vantagens sociais em vantagens escolares, elas mesmas reconversíveis em vantagens sociais, porque tal permite que se apresentem as preliminares escolares, por conseguinte implicitamente sociais, como pré-requisitos técnicos do exercício de uma profissão.”

Esse fato é cada vez mais comum na sociedade e condiciona a todos a aceitarem a realidade com naturalidade e de forma legítima. É o que comenta Bourdieu (1982, p. 174) em outras palavras:

“Compreende-se que as classes que detêm objetivamente o monopólio de uma relação com a cultura definida como indefinível (porque não se pode ser definida objetivamente a não ser por esse monopólio de fato) estejam predispostas a tirar pleno proveito do efeito de certificação e que tenham todo o interesse em defender a ideologia da cultura desinteressada que legitima esse efeito, dissimulando-o...”

Existe ainda a outra face da família que é disseminada de forma cruel e gritante. Retratam-se famílias em condições precárias de alimentação, moradia, assistência médica, transporte e em outros aspectos, sobretudo no que diz respeito à educação.

O panorama agrava-se, quando a situação ocasiona a violência dentro de casa.

A carência, o desespero, a precariedade social, freqüentemente, provocam conflitos nesses lares. Estes gestam e acentua as tensões dentro dessas famílias, que comprometem, não só a formação do caráter dessas crianças, traumas, mas também, em seu processo de aprendizagem.

Toda escola tem o papel fundamental de formar as crianças para serem cidadãs dignas; porém, a escola que elas freqüentam colabora intensamente para agravar o quadro de violência.

O ambiente da maioria das escolas públicas apresenta-se assim: falta de infraestrutura básica, cadeiras e mesas quebradas, carência de material didático. Esse tipo de escola não proporciona lazer nenhum.

Existem crianças que têm alimentação precária em casa e a merenda escolar é uma forma de amenizar suas carências alimentares, só que nem sempre têm.

De acordo com Ceccon (1998, p. 86):

“Está provado que uma carência de vitaminas pode resultar em handicaps ao nível da inteligência. Com isto, ao chegar à escola, algumas crianças terão sérias dificuldades em seguir as demais.”

Por outro lado, estão os professores mal formados, insatisfeitos com baixos salários, com falta de capacitação e reciclagem, e por conta disso, acabam descarregando

seu descontentamento nos alunos, que, ao invés de serem bem recebidos, são mal tratados e desestimulados a estudar.

A família responsabiliza a escola pelo mau desempenho das crianças e essa devolve a acusação, virando um jogo de empurra-empurra.

Os órgãos administrativos tratam esse dilema com descaso e insensibilidade, afinal os filhos dos seus responsáveis estudam em instituições da rede privada.

De acordo com Freire (1995, p. 51):

“A escola pública básica não anda bem, repetamos, por causa do descaso que as classes dominantes neste País têm por tudo o que cheira a povo.”

E Ceccon (1998, p.81) acrescenta:

“A escola não é democrática porque a sociedade em que vivemos ainda não é verdadeiramente democrática. Os donos do poder são também os donos do saber e os pobres são excluídos tanto da escola quanto da participação nas decisões. A escola, portanto, é parte integrante dessa sociedade injusta e desigual, em que a regra de comportamento é ‘cada um por si e salve-se quem puder’.”

Em meio desse impasse, nada se resolve e as crianças pobres continuam sofrendo.

Em virtude de toda essa configuração, esta monografia busca expor, conscientizar e apontar subsídios que, ao menos, problematizem essa situação.

3.O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO CONSCIENTE

Cidadania é a obtenção do gozo dos direitos civis e políticos por parte dos habitantes de um Estado, além da consciência e prática dos deveres. Mas para esses direitos serem, realmente, válidos, a cidadania deve, necessariamente, estar precedida da consciência crítica.

É a consciência crítica e política – em sentido amplo – que nos leva a exigir e a reivindicar os nossos direitos.

E a educação para a autonomia, que cada indivíduo recebe, tem esse papel de interiorizar e fazer aflorar essa consciência.

Costuma-se ouvir lindas frases declarando que a educação é a única forma capaz de transformar o quadro sócio-econômico de uma sociedade. Vale salientar que em qualquer experiência do indivíduo, seja na escola (Educação Formal), seja em qualquer outro ambiente, ele está sendo educado. Por exemplo, um menino da periferia está sendo educado quando é pago para levar uma droga a algum lugar, ainda que tenha aprendido algo nocivo à sociedade. Não deixa de ser educação.

A questão que se coloca, neste trabalho, é como a criança está sendo educada na Escola, para que seja cumprida sua meta básica de fazê-la alcançar a condição de cidadania.

Ao contrário do que muitos pensam, cidadania é algo muito mais profundo do que parece. Cidadania envolve o estabelecimento de deveres e direitos básicos do indivíduo. Direitos que poderiam estar em prática, como os que são proclamados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, se esta lei se efetivasse, de fato. Mas será, por exemplo, que um pai que recebe RS 415,00 reais de salário pode lhe garantir esse Direito? Mas, será realmente que a Escola tem assegurado esse Direito? Qual o papel da Escola nesse sentido? Qual o seu comprometimento para a formação de indivíduos conscientes? Será que a Sociedade, como um todo, está cumprindo seu papel de responsável para com todas as crianças e adolescentes, como manda a Lei?

Na visão de Freire (1998, p.81):

”A escola não é democrática porque a sociedade em que vivemos ainda não é democrática. Os donos do poder

são também os donos do saber e os pobres são excluídos tanto da escola quanto da participação nas decisões.”

Pode-se entender com essa declaração, que a própria Escola é o mais forte instrumento ideológico para produzir essa situação.

Segundo Chauí (1980, p.27), a ideologia, enquanto estratégia de dominação, passa a ter um papel de comando sobre a prática dos homens subalternos, que devem submeter-se aos critérios e mandamentos da classe dominante, antes de agir.

Bourdieu (1982, p. 216) inclui:

“Assim, a função mais dissimulada e mais específica do sistema de ensino consiste em esconder sua função objetiva, isto é, dissimular a verdade objetiva de sua relação com a estrutura de relações de classe”.

Para garantir o cumprimento das suas regras e normas, o sistema de ensino, comumente, lança mão de sanções rígidas, que ocasionam o mascaramento da estrutura das relações de classe.

É preciso, portanto pensar de que forma esse mascaramento pode ser quebrado.

Uma forma é, conscientizar os alunos de que devem estudar, não só para cumprir um cronograma até o final do ano e obter uma nota, mas questionar o programa estabelecido e relacioná-lo à sua realidade.

Freire (1980, p. 20) também aponta que:

“De acordo com a pedagogia da liberdade, preparar para a democracia não pode significar somente converter o analfabeto em eleitor, condicionando-o às alternativas de um esquema de poder já existente. Uma educação deve preparar, ao mesmo tempo, para um juízo crítico das alternativas propostas pela elite, e dar a possibilidade de escolher o próprio caminho.”

Segundo Freire (1980, p. 78), a educação padece da doença da narração. O professor fala da realidade como se esta fosse sem movimento, estática, separada em compartimentos e previsível. Ainda acrescenta que a tarefa do professor é “encher” os alunos do conteúdo da narração, conteúdo alheio à realidade, separado da totalidade que a gerou e poderia dar-lhe sentido.

Então, pode-se compreender que essa realidade é, na verdade, ocultada por uma ideologia, responsável por alienar os oprimidos, inculcando nestes, idéias e valores que favoreçam os opressores.

Em sala de aula, essa prática é comum. O professor muitas vezes não acredita no potencial de seus alunos e transfere para eles esta desconfiança, através do seu desinteresse em ajudá-los. É cômodo para ele dar uma aula medíocre, depois cruzar os braços e dizer que a culpa não é dele, afinal, ele está “fazendo sua parte”. Chauí (1980, p. 21) revela que por intermédio da ideologia, os homens legitimam as condições sociais de exploração e de dominação, fazendo com que pareçam verdadeiras e justas.

E a prática mais comum de dominação em sala de aula é: o professor ensina, porque sabe; e os alunos são ensinados, porque não sabem. O professor escolhe o conteúdo do programa e os alunos têm simplesmente que aceitar e aprender. Dessa maneira, é mais fácil estabelecer a dominação e mistificar a realidade tornando-a vazia.

O fenômeno chamado ideologia é capaz de salvar ou destruir. Afinal, o próprio Hitler interiorizou, com sua ideologia nazista, na mente das pessoas, que a raça superior do mundo era a *ariana*. Em consequência dessa ideologia, muitos judeus, ciganos, homossexuais foram torturados e mortos. Ao contrário – exatamente promovendo uma desconstrução ideológica – ficou registrada na história a práxis de Nelson Mandela, que lutou contra o *apartheid* (política ideológica de segregação racial da África do Sul).

Justificando a afirmação feita mais acima, Chauí (1980, p. 110) reforça, dizendo que uma classe é hegemônica, não só porque detém a propriedade dos meios de produção e o poder do Estado, mas é hegemônica, sobretudo, porque suas idéias e valores são dominantes, e mantidos pelos dominados, até mesmo quando lutam contra essa dominação.

Sendo assim, ainda que os oprimidos saibam que se encontram nessa condição, por estarem tão imersos nessa situação, não têm uma percepção clara de si mesmos enquanto oprimidos, estão alienados, a ponto de se acharem realmente incompetentes e responsáveis pelo próprio fracasso escolar.

O pai coloca seu filho na escola e diz que é para ele “ser alguém na vida”. Escola essa, que, muitas vezes, manipula e trata seus alunos apenas como objetos, destituindo-os de seus lugares de sujeitos do processo de formação. Agindo assim, reproduz a lógica e os interesses dos opressores.

Por sua vez, os opressores, por saberem que é na escola que podem imprimir na mente dos oprimidos, os seus valores, continuam explorando, usando essa estratégia.

Chauí (1980, p. 90, 91) define bem essa idéia, comentando:

“Ora, a classe que explora economicamente só poderá manter seus privilégios se dominar politicamente e, portanto, se dispuser de instrumentos para essa dominação. Esses instrumentos são dois: o Estado e a ideologia.” Segundo a autora, o grande instrumento do Estado é o Direito. Através do Direito, o Estado aparece como legal, ou seja, como “Estado de Direito”.

Dessa forma, a dominação não é tida como uma violência, mas como legal, e por ser legal e não violenta deve ser aceita. É o que o próprio Freire (1981, P. 48) diz:

“Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão”.

Chauí (1980, ps. 88, 89) faz um questionamento interessante e, ao mesmo tempo, mostra o quanto essa violência é mascarada com a idéia de que eles, os oprimidos, são “livres”:

“Todos podem escolher realmente o que desejarem?... O peão metalúrgico ‘escolheu’ livremente fazer horas-extras depois de doze horas de trabalho? A menina grávida que teme as sanções da família e da sociedade ‘escolhe’ fazer um aborto? A definição de liberdade como igual direito à escolha é a idéia

burguesa da liberdade e não a realidade e não a realidade histórico-social da liberdade...”

Freire (1989, p. 51) justifica essas palavras quando comenta que os poucos jovens pobres que conseguiram, a duras penas, chegar ao fim dos cursos médios, não podendo competir com os outros, não têm outro seio onde se abrigar, senão o das faculdades caras, quase sempre sem rigor nenhum.

É óbvio que eles não tiveram a liberdade de escolher em que universidade estudaria, mas, empurrados pelas circunstâncias, ‘escolheram’.

Em escolas da rede pública, é comum professores dizerem que ouvem de pais de alunos a declaração de que colocam seus filhos na escola para receberem o Bolsa-família, que é uma ajuda de custo do Governo. Fica claro que isso é um discurso ideológico que inconscientemente, os professores declaram para tentar justificar suas falhas.

Quem tem a liberdade, deveria ao menos ser capaz de construir sua própria história e contá-la para suas futuras gerações; mas, quando se dá a opressão ideológica acontece o contrário. Chauí (1980, p.122, 124, 125) comenta:

“...os dominados aparecem nos textos dos historiadores sempre a partir do modo como eram vistos e compreendidos pelos próprios vencedores... Não é assim, por exemplo, que os estudantes negros ficam sabendo que a Abolição foi um feito da Princesa Isabel? As lutas dos escravos estão sem registro e tudo que delas sabemos está registrado pelos senhores brancos... No entanto, o saber histórico nos dirá que esses ‘grandes’ agentes da história e do progresso, são os ‘grandes e poderosos’, isto é, os dominantes cuja ‘grandeza’ depende sempre da exploração e dominação dos pequenos...”

Somado a essa questão, existe a idéia disseminada pela ideologia burguesa de sociedade civil concebida como um indivíduo coletivo, ou seja, os sujeitos da história são as classes sociais.

Numa reflexão sobre essa questão, Chauí (1980, p. 76) afirma que a história é “os indivíduos fazendo-se uns aos outros, tanto física quanto espiritualmente”. Este “fazer-se-

uns-aos-outros” é a *práxis social* e significa que as classes sociais estão se fazendo umas às outras, por sua ação, e que o conjunto das práticas sociais, fazem dos indivíduos, membros de uma classe social.

Dessa forma, é mais fácil sustentar o conformismo, a domesticação na mente dos oprimidos. Segundo Chauí (1980 p. 27, 28), a concepção positivista da ideologia de conhecimentos teóricos possui três conseqüências, e entre elas é a de estabelecer entre a teoria e a prática uma relação autoritária de mando e obediência, isto é, a teoria manda, porque possui idéias e a prática obedece por que é ignorante.

É exatamente o que Freire (1980, p. 65) exprime, em outras palavras:

“A sociedade dependente é, por definição, uma sociedade silenciosa. Sua voz não é uma voz autêntica, mas um simples eco da voz da metrópole.”

Não é isso o que ocorre geralmente em sala de aula? E já começa nas séries iniciais, o professor fazendo com que o aluno se sinta, muitas vezes, um “burro”, inferior aos outros, desenvolvendo um estigma. Sem levar em consideração, as dificuldades do aluno, um professor de alfa, por exemplo, diz ao aluno:

– Como você pode escrever casa com z? Está errado.

Sendo colocado como errado, o aluno simplesmente se cala.

Para Freire (1980, p. 65), somente quando o povo de uma sociedade dependente rompe a cultura do silêncio e conquista o direito da palavra, é quando essa sociedade dependente deixa de ser silenciosa. E o rompimento do silêncio é realizado através da conscientização.

Chauí (1980, p. 86), declara que enquanto esses dois trabalhos estiverem separados, enquanto o trabalhador for aquele que “não pensa” ou “não sabe pensar”, e o pensador for aquele que não trabalha a ideologia não perderá sua existência nem sua função.

A conscientização, segundo Chauí (1980, p.26), implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica, na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume posição epistemológica. Sabemos que isso só se dá através da reflexão da realidade e de si mesmo.

Somente uma escola consciente do seu papel é capaz disso. Quando o professor, respeitando o universo de seus alunos, respeita a liberdade para cada um escolher como será o final da história da Cinderela, e não estabelecer que ela acordasse com o beijo do Príncipe;

quando ele não impõe a seus alunos que as folhas de uma árvore têm que ser pintadas de verde; quando ele respeita a individualidade de cada um.

Na visão de Chauí (1980, p.52):

“... a realidade é um movimento de contradições que produzem e reproduzem o modo de existência social dos homens, e que, realizando uma volta completa sobre si mesma, pode conduzir à transformação desse modo de existência social” .

Ratificando no que acredita, a autora (1980, p.40), declara:

“Reflexão significa: volta sobre si mesmo. Em geral considera-se que somente a consciência é capaz dessa volta sobre si”.

Ou seja, só a consciência é capaz de promover a reflexão. E, à medida que se tornam conscientizados, mais capacitados estão para denunciar a essa realidade e transformá-la.

É por esse motivo que Freire (1980, p.18) declara que a formação da consciência das massas viu-se dessa forma acusada de apresentar os sintomas de uma estratégia perigosa de subversão, na década de 60, no Brasil, quando foi instituída a ditadura militar, tomando como uma das medidas, a proibição do ensino das disciplinas filosofia, sociologia e outras, nas escolas e universidades.

Conforme Freire (1980, p.29):

“... a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a ‘dês-vela’ para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura”.

Isso é típico de uma educação libertadora, e a escola precisa exercer principalmente essa função, a de conscientizar seus educandos, que são sujeitos de seu pensar e que podem

construir sua própria história. Se a Escola comprometer-se com seu papel, ainda diante dessa situação, sem dúvida, obterá resultados positivos.

É certo que há muito que lutar, mas como diz Freire (1980, p. 84):

”Na medida em que lute, estou amadurecido para a esperança. Se combato com a esperança, tenho o direito de confiar...Se os que dialogam não esperam nada de seus esforços, seu encontro é vazio, estéril, burocrático, cansativo.”

Desta forma, fica claro que se a família e a Escola se associarem efetivamente, no sentido de lutar pela melhoria do desempenho dessas crianças, sem dúvida, haverá grandes resultados.

4.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O tipo de investigação necessária para promover a realização deste trabalho, além do embasamento teórico, requer a ida a campo, através da técnica do *estudo de caso*. Essa estratégia é um estudo profundo e nos permite maior detalhamento e visão do assunto.

Numa perspectiva sócio-cultural, o estudo de caso, associado à base teórica, tem o objetivo de investigar a influência da família, mais especificamente, a família pobre, no aprendizado da criança na escola. Quais os fatores que propiciam o mau desempenho da criança pobre na escola?

De que maneira a família influencia no aprendizado dessa criança?

Qual o papel da escola no sentido de ajudar essa criança?

Essas são perguntas que o trabalho procura não somente responder, mas busca também apontar soluções.

Foi por esse motivo que se deu a idéia de realizar este estudo Surgiu da minha inquietação, enquanto educadora, em compreender quais os motivos que levam uma criança pobre ao fracasso escolar, considerando, principalmente, o aspecto sócio-cultural.

A escolha por uma escola pública de periferia deve-se ao fato de acreditar que não existe ambiente mais apropriado que esse à análise, e também por experiências já vividas em estágios. A escolha pela turma de 4ª série surgiu do fato de crer que seria mais fácil interpretar e responder aos questionários. Por se acreditar que crianças de 4ª série sabem ler, escrever e interpretar as perguntas, é que foi escolhida esta turma embora tenha encontrado uma situação contrária. Houve muitas dificuldades de interpretação, e até de leitura e escrita.

Nesse processo foram efetuados os seguintes procedimentos:

1. Investigação da temática, através do estudo de caso, onde foram feitas visitas na instituição de ensino da rede pública.
2. Aplicação de questionários para professores, pais e alunos, com respostas do tipo assinalar.
3. Análise dos dados colhidos.
4. Conversa informal com a professora, coordenadora e com os alunos.
5. Observações do ambiente escolar.

4.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa selecionada para a realização desse trabalho é do tipo *Analítica*, ou seja, obtêm-se informações através de observações, interpretando a realidade; mas também é *Investigativa*. E para obter essas informações, foram utilizados questionários para alunos, pais e professoras, como instrumento de coleta de dados, além, é claro, de instrumentos outros importantíssimos, como observação e conversa com alunos, professora e coordenadora. Nesta pesquisa, foram mais considerados os aspectos sócio-culturais, psicológicos, valores e atitudes.

QUESTÃO INVESTIGADA

Como a família influencia a criança no aprendizado escolar, levando em consideração, principalmente, a questão sócio-cultural?.

OBJETIVOS

1. Investigar de que forma a família influencia no desempenho da criança na escola.
2. Investigar os fatores que fazem com que a criança pobre tenha fracasso escolar.
3. Oferecer formas de melhorar o desenvolvimento dessas crianças na escola.

5. ANÁLISE DOS DADOS COLHIDOS

5.1A ESCOLA- ESPAÇO PESQUISADO

Para executar este trabalho, foi escolhido um colégio público, localizado num bairro periférico, ao lado de uma favela, pertencente à Região Metropolitana de Salvador, no Estado da Bahia.

Segundo a coordenadora da escola, a maioria dos alunos mora nessa favela, onde acontece o “toque de recolher”, conflitos entre traficantes de drogas, inclusive tiroteios.

Essa escola conta com um espaço físico amplo, dispendo de 10 salas de aula, 1 biblioteca bastante precária, 2 banheiros para alunos (um masculino e outro feminino), 2 banheiros para professores, cozinha, despensa e 1 quadra de esportes.

Segundo dados oferecidos pela professora da 4ª série, a escola foi contemplada pelo Estado com um laboratório de informática, contudo, sem previsão de instalação.

A escola funciona em três turnos e oferece educação nos níveis fundamental (1ª à 8ª série) e Educação de jovens e adultos.

A Instituição atende a um público de 1.092 alunos, e embora o número de professores seja 26, poucos para atender a quantidade de alunos, de acordo com a direção da escola, justifica-se pelo fato de a maioria daqueles ensinarem em outros turnos. A escola também conta com secretária, diretora e coordenadora, que, inclusive, exerce função de psicopedagoga, em eventuais necessidades dos alunos.

Vale salientar que dos 25 alunos matriculados na 4ª série, do turno vespertino, 23 responderam as questões da pesquisa. Da professora, além do questionário, foram colhidas informações através de uma conversa informal e observações.

Ambos os instrumentos foram utilizados, devido à maior precisão que oferecem maior riqueza de detalhes. Todos esses instrumentos foram aplicados num espaço de tempo de uma semana.

O questionário aplicado para os alunos aborda aspectos referentes ao seu relacionamento com a escola, professora, pais, e de nível sócio-econômico.

O questionário aplicado para a professora, pergunta sobre aspectos referentes à sua formação, seu desempenho em sala de aula, relação com os alunos e fatores que contribuem para o fracasso escolar das crianças.

Dos questionários aplicados para os pais, apenas 15 responderam, haja vista que destes 15, 1 dos pais deixou de responder a maior parte das perguntas. Em sua grande maioria, a quantidade de mães prevaleceu, como indica a tabela abaixo:

TABELA 1. Quantidade de pais que responderam os questionários, por sexo.

Mães	13
Pais	2

Fonte: Pesquisa de campo projeto: A influência da família no desempenho da criança na escola, a partir de uma perspectiva sócio-cultural; 2008.

Autora: Maria Celeste S. M. Cerqueira

A predominância de mães nada mais é do que a confirmação de que a atenção delas é muito mais voltada para os filhos que os pais, por terem mais tempo.

Esse questionário aborda os aspectos referentes a sua relação com os filhos, sua relação com a escola, sua escolaridade e nível sócio-cultural.

5.2 REAÇÕES E EVENTUALIDADES

O acesso à escola foi extremamente tranquilo, não se encontrando nenhum impedimento para a pesquisa.

Mesmo notando-se por parte dos alunos o interesse em responder os questionários, associando-se a leitura desses, houve dificuldades dos alunos na compreensão de algumas palavras como **influência** e também em símbolos como **M** de masculino.

É notável que a maioria dos alunos, em algumas perguntas, não foram autêntica em suas respostas, temendo comprometerem-se e serem punidos pela professora. Esse fato somente agravou e reafirmou o que já se sabia sobre os alunos de escolas públicas.

A professora, por sua vez, estava sempre disposta a responder tanto o questionário, quanto a conversar. Ainda assim, foi possível notar a omissão e maquiagem de algumas

informações, o que contribui para reforçar a hipótese da pesquisa. Quando ela, por exemplo, omitiu que aquelas crianças não passavam por dificuldades financeiras, estava contrariando a voz da coordenadora que afirmou os alunos dessa escola serem muito carentes.

5.3 O FRACASSO ESCOLAR: DE QUEM É A CULPA?

5.3.1 ALUNOS

Os estudantes que participaram da pesquisa são da mesma faixa etária de idade: de 9 a 12 anos, o que facilitou o trabalho.

Nos questionários, foram visivelmente constatadas várias contradições, em vista do que já foi observado.

Ao ser questionada a respeito da situação financeira da família, a maioria respondeu que sua família tem vida financeira estável, suprimindo assim todas as necessidades. Vejam:

TABELA 2. A situação financeira da sua família influencia em seu desempenho escolar?

Sim	19
Não	04

Fonte: Pesquisa de campo: A influência da família no desempenho da criança na escola, a partir de uma perspectiva sócio-cultural.

Autora: Maria Celeste S. M. Cerqueira

Em contraste com estas respostas, quando se pergunta aos pais, qual a renda da sua família, nota-se que as respostas acima, dos alunos, não foram verdadeiras, ou, talvez, eles não tenham compreensão do fenômeno. Observem:

TABELA 3. Renda familiar

Menos de 1 salário mínimo	6
1 salário	6
1 a 3 salários	1
3 a 5 salários	0
5 a 7 salários	1
Mais de 7	1

Fonte: Pesquisa de campo: A influência da família no aprendizado da criança na escola, a partir de uma perspectiva sócio-cultural.

Autora: Maria Celeste S. M. Cerqueira

Para a maioria das crianças, a situação financeira da família influencia em seus desempenhos, contrariando a maioria das respostas que afirmam ter uma situação financeira estável. Ora, se a situação financeira da família influencia no aprendizado das crianças na escola, certamente elas não têm um bom desempenho, devido à dificuldade que elas encontram.

A observação desses dados permite acreditar que as crianças não foram sinceras nessas perguntas.

Quando questionados sobre a postura da professora em sala de aula, 22 dos alunos afirmaram que a consideravam carinhosa e um respondeu autoritária.

Demonstra a falta de autenticidade nas respostas, mascarando o medo que os alunos têm de serem castigados e punidos pela professora e pela escola. Expressa inclusive, um sentimento coletivo de conformismo, por enxergarem dentro de si, a professora como superior, como autoridade absoluta.

Todos também afirmaram gostar da escola. O medo de serem autênticos em suas respostas faz com que seja unanimidade a opção escolhida.

É impossível que todas as crianças gostem da escola, isto é óbvio.

No que diz respeito ao relacionamento dos alunos com os pais, 19 revelaram ter bom relacionamento. No entanto, essa informação contradiz a fala da professora que afirma a grande ausência dos pais, devido às longas jornadas de trabalho.

Esse é um dos motivos que, segundo afirma, justifica o fracasso escolar.

Nota-se que a professora transfere a responsabilidade do fracasso escolar para os pais.

Através do depoimento fornecido por uma aluna, declarando que sente falta do pai, porque ele trabalha todos os dias em tempo integral, visualizam-se muito mais do que ausência paterna, mas a necessidade que o pai tem de sacrificar o seu tempo com a família, em função de sua própria família, ou seja, da sua sobrevivência.

Nas observações realizadas, essa criança é apenas uma das muitas encontradas na escola que têm a mesma rotina.

Numa das perguntas com justificativa, contidas no questionário, grande parte dos alunos cometeram erros de gramática que, para uma turma de 4ª série, é, sem dúvida, preocupante.

Alguns erros são:

1. Porque nunca vir. (o vi)

2. Ele noreu. (morreu)

3. Porque ele é bom com migo. (comigo)

Certamente, esse problema não é recente, mas vem se desenvolvendo, tomando proporções desde as séries anteriores, se arrastando para as seguintes.

Com base nas observações durante o recreio, havia várias crianças praticando brincadeiras agressivas e batendo uns aos outros. Não foi observada nenhuma postura da escola para deter essa situação.

É importante relacionar esse fato com a fala da coordenadora, que declarou durante o depoimento, haver alto índice de violência na escola, e inclusive relatou episódios em que alunos dessa escola foram assassinados perto de casa.

Inclusive ela afirmou mediar alguns episódios de conflitos a fim de amenizá-los.

É notável a influência da violência no comportamento e desempenho dos alunos na escola.

5.3.2PAIS

É importante abordar que dos 23 questionários distribuídos, apenas 15 foram respondidos, predominantemente pelas mães, como mostra a Tabela 1, anteriormente exposta.

A quantidade de questionários respondidos, pode nos levar às seguintes deduções:

1. Falta de interesse;
2. Ausência dos pais, devido ao trabalho.

Ao serem questionados acerca da renda familiar, onde a maioria é de menos de um salário a um salário mínimo, foi possível notar a grande necessidade de recursos, demonstrado na Tabela 3.

Ao associarmos esses fatores ao nível de escolaridade apresentada, confirma-se que a falta de formação e pouca qualificação profissional é responsável pelas penosas jornadas de trabalho e baixa renda. Veja:

TABELA 4. Formação escolar dos pais

Analfabeto	0
Fundamental incompleto	5
Fundamental completo	2
Médio incompleto	6
Médio completo	1
Curso superior	0

Fonte: Pesquisa de campo: A influência da família no aprendizado da criança na escola, a partir de uma perspectiva sócio-cultural.

Autora: Maria Celeste S. M. Cerqueira

Quando questionados sobre a presença nas reuniões de pais e mestres, e se ajudam seus filhos nas atividades escolares, as respostas são positivas.

Comparem as tabelas:

TABELA 5. Presença dos pais nas atividades escolares e reuniões

Sim	14
Não	0

Fonte: Pesquisa de campo: A influência da família no aprendizado da criança na escola, a partir de uma perspectiva sócio-cultural.

Autora: Maria Celeste S. M. Cerqueira

Embora o resultado aponte a presença dos pais, suas realidades não condizem com o que responderam. Percebe-se um ocultamento nas respostas, o que reforça as declarações das crianças, alegando ausência dos pais.

Além de a própria professora afirmar que a maioria, principalmente, os que mais precisam estar nas reuniões, não comparecem.

Em todos os dados fornecidos sobre os pais, fica evidenciada a falta de participação por motivos como falta de tempo por trabalharem muito, o que compromete sensivelmente o aprendizado dos filhos.

5.3.3 PROFESSORA

Segundo informações fornecidas por ela mesma, a professora da 4ª série é formada em pedagogia, por uma universidade pública e está terminando seu curso de especialização em Educação Inclusiva.

Ao perguntá-la a respeito das causas que levam seus alunos ao fracasso escolar, tanto no questionário quanto na conversa informal, ela atribui diretamente à responsabilidade à desestruturação familiar e falta de princípios e valores que deveriam ser ensinados pela família.

Segundo ela, cada professor em sua sala de aula tenta transmitir valores referentes, a saber, os de higiene e conviver bem com os diferentes.

Na sua concepção, a falta de material escolar básico, como: papel ofício, lápis e borracha, interferem um pouco no aprendizado dos alunos.

O único recurso, que, segundo ela, poderia ser usado, além do quadro negro e giz, é um retroprojetor, porém, no momento encontra-se quebrado.

Quanto ao quadro branco, diz que não é usado por falta de piloto.

A resposta da professora deixa claro o não reconhecimento de sua parcela de culpa.

Quando questionada sobre o que é um mau aluno, ela escolhe a opção de que é aquele que tem o comportamento rebelde e apresenta dificuldades de aprendizagem. Ao optar por essa alternativa, ela não levou em consideração que os alunos podem estar com problemas de aprendizagem ou rebeldes, não porque são maus alunos, mas por consequência de problemas psicológicos, cognitivos e sociais. Fica evidenciado inclusive que, sua visão de bom ou mau aluno, está ainda voltada para a visão tradicional de educação.

Observando-se uma das aulas ministradas pela professora, em especial, sobre Abolição dos escravos, nota-se, ironicamente, o que Marilena Chauí (1980, p. 122,124) comenta:

“Não possuímos a história dos escravos, nem a dos servos, nem a dos trabalhadores vencidos – não só suas ações não são registradas pelo historiador, mas os dominantes também não permitem que restem vestígios (documentos, monumentos) dessa história. Por isso os dominados aparecem nos textos dos

historiadores sempre a partir do modo como eram vistos e compreendidos pelos próprios vencedores... Não é, assim, por exemplo, que os estudantes negros ficam sabendo que a Abolição foi um feito da Princesa Isabel? As lutas dos escravos estão sem registro e tudo que delas sabemos está registrado pelos senhores brancos.”

Nota-se na aula, apenas uma transmissão de informações, um distanciamento da realidade dos alunos, a falta de objetivo da professora em passar o conteúdo.

Foi visível o desinteresse de maior parte dos alunos; alguns conversavam, outros faziam brincadeiras, outros discutiam com colegas, outros cochilavam, e poucos, aqueles que os professores consideram “bonzinhos”, “quietinhos” engolindo “goela abaixo” o conteúdo.

Imaginemos o que Paulo Freire diria ao se deparar com essa visão.

É relevante considerar o fato de que os alunos são negros e pardos, e a professora é de cor parda, e, em conseqüência, reproduz, inconscientemente, de forma gratuita, o produto do qual ela recebeu.

Em confronto com o que foi exposto, reflitamos sobre a palavra da coordenadora, que declara a Pedagogia da escola como construtivista e interativista.

Segundo ela, a escola tem tentado fazer com que o aluno seja o protagonista da sua história. Mas será que com a postura dessa professora, e, provavelmente de todo corpo escolar, é possível?

E será que com a falta de recursos na escola, há condições? Será que com a carência de recursos na família dessas crianças, é possível?

Até quando os índices de repetência aumentarão? A escola não forneceu esse dado, mas de acordo com a coordenadora, o ano passado foi bem pior.

Diante do que foi exposto, é possível atribuímos a responsabilidade do fracasso escolar, não só a família, embora a escola não admita, mas ela também é fator decisivo para isso. A postura da Escola, bem como, do professor em despertar nos alunos uma consciência crítica da realidade, é fator fundamental para a transformação desse quadro.

Na visão de Freire (1995, p.29):

“Para o educador progressista coerente, o necessário ensino dos conteúdos estará sempre associado a uma leitura crítica da realidade”

Mas nunca se chegará a uma solução se cada um não reconhecer e assumir sua parcela de responsabilidade, ao invés de transferi-la ao outro.

Pode-se relacionar essa questão, com o que Chauí (1980, p. 21) comenta:

“Além de procurar fixar seu modo de sociabilidade através de instituições determinadas, os homens produzem idéias e representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural. Essas idéias ou representações, no entanto, tenderão a esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política.”

O ocultamento dessas idéias e representações pode atribuir a alienação, como instrumento de transferência de culpa.

De maneira bem prática, por exemplo, um professor que declara o fracasso de seus alunos devido à falta de recursos da família, está de forma alienada, se isentando da responsabilidade. Ele transfere essa alienação, quando não admite que também seja ferramenta importante para o progresso dessas crianças.

Portanto, é necessário que haja uma ação em parceria, família e escola para a transformação desse cenário.

A estrutura familiar edificada e uma escola acolhedora, que respeitem a história de vida de cada aluno, serão capazes de, não só erradicar o fracasso escolar, mas, sobretudo, formar cidadãos conscientes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de vida de um indivíduo está muito ligada ao contexto familiar, inclusive seu desempenho escolar depende significativamente da família, levando em consideração, especialmente, o que diz respeito à questão sócio-cultural.

Acredita-se que somente a família é responsável pelo fracasso escolar da criança, no entanto, é importante notar que a realidade deste estudo reforça a consciência de que não só a família é a responsável por essa situação negativa, pelo contrário, trata-se de uma cadeia de reprodução social, que passa pela dominação de classe sobre classe. A revisão de literatura e o trabalho empírico demonstraram que a Escola também tem a sua parcela de culpa. E que por trás dela, há grandes interesses dos dominantes em formar os dominados para servi-los.

Os dados nos levam a concluir que o fracasso escolar das crianças pobres, então, é resultado da pobreza extrema, do despreparo dos professores, dos conteúdos sem significação passados mecanicamente e da escola como instrumento ideológico dos dominadores.

É sabido que no mundo de rápidas transformações e grandes concorrências, os mais fortes devoram os mais fracos.

Quem não tem uma formação que o leve à consciência de sua história, de sua visão de mundo, de sua cidadania, facilmente será dominado. E o pior, inconscientemente.

O apoio da família, mesmo sendo elemento essencial no processo de educação dos filhos, precisa do auxílio da escola.

A associação entre família e escola ainda é o melhor caminho para resolver os problemas de aprendizagem da criança pobre. Mas, dificilmente, virá, pois a Escola é um aparato de transmissão ideológica da classe dominante.

Acredita-se também que, além da parceria entre família e escola, esta precisa respeitar a história de cada aluno e não ignorá-la.

A escola precisa deixar de ser um corpo estranho em que a criança está inserida e passar a integrar-se como vínculo a realidade do aluno. Isto só acontecerá quando – e se – a comunidade “tomar” a si a Escola.

A comunidade e a Escola são agentes fundamentais para transformação desse quadro.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. História social da criança e da família. 2ª edição. – Rio de Janeiro: Editora LTC, 1981.

BOAVENTURA, Edvaldo M. Metodologia da pesquisa: monografia, dissertação e tese. – São Paulo: Atlas, 2004.

BOURDIEU, Pierre ; PASSERON, Jean Claude. A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. 238 p.

CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. A vida na escola e a escola da vida. 12. Ed. – Petrópolis: Vozes, 1985. 93 p.

CHAUÍ, Marilena de Souza. O que é ideologia. – São Paulo: Brasiliense, 1980. 123 p. (Primeiros passos 13) ISBN 8511010130 (broch.)

FREIRE, Paulo. A educação na cidade. 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 1995. 144 p. ISBN 8524904240 (broch.)

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. – Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981. 149.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 18. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987. 150 p.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação; uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. Ed. – São Paulo: Ed. Moraes, 1980. 102 p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 9. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981. 218 p.

HARPER, Babbete; FREIRE, Paulo. Cuidado, escola! : desigualdade e domesticação e algumas saídas. 24. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1987. [2] p.

SAVIANI, Dermeval; MENDES, Durmeval Trigueiro. Filosofia da educação Brasileira. 5. Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994. 239 p.

SCHIFF, Michel. A inteligência desperdiçada: desigualdade social, injustiça escolar. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 170 p.

_____ **Trabalho infantil nos estados Brasileiros com maior concentração no Nordeste.**

São Paulo, 2006. Disponível em:

< http://www.pco.org.br/conoticias/ler_materia.php?mat=6614 > Acesso em: 16/06/2008.

ANEXOS

1.









2.

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

1.SEXO: F() M()

2.IDADE : 18 A 25() 26 A 35() 36 A 45 MAIS DE 45()

3.FORMAÇÃO: LETRAS () PEDAGOGIA () MAGISTÉRIO () OUTRO ()

4.VOCÊ ACHA QUE O FRACASSO ESCOLAR PODE SER ATRIBUÍDO A:

DESEMPENHO DO PROFESSOR EM SALA DE AULA.

O CONTEXTO FAMILIAR.

PROBLEMAS COGNITIVOS DO ALUNO.

5.PARA VOCÊ QUAL O FATOR FUNDAMENTAL PARA QUE UMA CRIANÇA TENHA SUCESSO NA ESCOLA?

CARINHO DOS PAIS.

ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL.

MAIS EMPENHO DO PROFESSOR.

6. O QUE O PROFESSOR PODE FAZER COM A FINALIDADE DE CONTRIBUIR PARA MELHORAR O DESEMPENHO DOS SEUS ALUNOS?

DAR AULAS DE REFORÇO.

TENTAR COMPREENDER MAIS A REALIDADE DOS ALUNOS.

BUSCAR MAIS FORMAÇÃO.

CONVERSAR COM OS PAIS.

7. VOCÊ ESTÁ CONTENTE COM A SUA TURMA?

SIM **NÃO**

POR QUÊ? _____

8. O QUE VOCÊ ACHA QUE MAIS DIFICULTA O DESEMPENHO DAS CRIANÇAS, QUANDO SE REFERE À ESCOLA?

DEFICIÊNCIA DE MATERIAL DIDÁTICO.

FALTA DE INFRA-ESTRUTURA.

FALTA DE MERENDA ESCOLAR.

TODAS AS ALTERNATIVAS.

9. PARA VOCÊ O QUE É UM MAU ALUNO?

AQUELE QUE TEM COMPORTAMENTO REBELBE.

AQUELE QUE TEM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.

AS DUAS OPÇÕES ANTERIORES.

O DESINTERESSADO OU DESLIGADO.

10. EM SUA OPINIÃO, VOCÊ É UM (A) PROFESSOR (A):

COMPROMISSADO COM O SEU PAPEL.

DESGASTADO (A) COM SUA PROFISSÃO.

SATISFEITO (A) E ACOMODADO (A) COM A SITUAÇÃO DOS SEUS ALUNOS.

11. QUE NOTA DE 0 A 10 VOCÊ SE DARIA COMO PROFESSOR? _____

QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS

1. SEXO: () F () M

2. IDADE: () 17 A 23

() 26 A 35

() 36 A 45

() 45 OU MAIS

3. ESTADO CIVIL: () SOLTEIRO (A)

() CASADO (A)

() DIVORCIADO (A)

() VIÚVO (A)

4. FORMAÇÃO:

() ANALFABETO (A)

() FUNDAMENTAL INCOMPLETO

() FUNDAMENTAL COMPLETO

() MÉDIO INCOMPLETO

() MÉDIO COMPLETO

() CURSO SUPERIOR

5. QUANTOS FILHOS VOCÊ TEM?

() 1

() 2

3

MAIS DE 3

6. QUAL A RENDA DA SUA FAMÍLIA?

MENOS DE 1 SALÁRIO

1 SALÁRIO

DE 1 A 3 SALÁRIOS

DE 3 A 5 SALÁRIOS

DE 5 A 7 SALÁRIOS

MAIS DE 7 SALÁRIOS

7. SUA CASA É:

PRÓPRIA

ALUGADA

CEDIDA POR ALGUÉM

8. VOCÊ AJUDA SEU (S) FILHO (S) NAS ATIVIDADES DA ESCOLA?

SIM NÃO

POR QUÊ? _____

9. VAI ÀS REUNIÕES DE PAIS E MESTRES?

SIM NÃO

10. QUANDO SEU (S) FILHO (S) FAZ (EM) ALGO DE ERRADO, COMO REAGE?

CONVERSA E EXPLICA QUE ELE (S) ESTÁ OU ESTÃO ERRADO(S).

DÁ UMA SURRA.

REPREENDE COM PALAVRAS.

11. COMO É O SEU RELACIONAMENTO COM SEU (S) FILHO (S)?

ÓTIMO

BOM

REGULAR

RUIM

12. VOCÊ SE CONSIDERA UM PAI OU MÃE?

DISTANTE

ATENCIOSO (A)

PREOCUPADO (A)

13. QUE NOTA DE 0 A 10 VOCÊS SE DARIA COMO PAI OU MÃE? _____

QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS

1. SEXO: () F ()M

2. IDADE () 9 A 12

() 13 A 15

() MAIS DE 15

3.VOCÊ É REPETENTE? () SIM () NÃO

4. VOCÊ GOSTA DE SUA ESCOLA? () SIM () NÃO

5. COMO É O COMPORTAMENTO DO (A) SEU (A) PROFESSOR (A) EM SALA DE AULA?

() AUTORITÁRIO

() CARINHOSO

6.PARA VOCÊ, O QUE FALTA MELHORAR EM SUA ESCOLA?

() NÃO FALTA NADA.

() O TRATAMENTO DOS PROFESSORES PARA COM OS ALUNOS.

() O ENSINO

7.VOCÊ SE CONSIDERA UM (A) ALUNO (A):

()APLICADO

()DESINTERESSADO

() QUE TEM DIFICULDADES, MAS QUER SUPERÀ-LAS

8. A ATUAL SITUAÇÃO FINANCEIRA DE SUA FAMÍLIA TEM INFLUENCIADO SEU DESEMPENHO NA ESCOLA?

SIM NÃO

9. VOCÊ TEM UM BOM RELACIONAMENTO COM SEUS PAIS?

SIM NÃO

POR QUÊ? _____

10. SUA FAMÍLIA TEM UMA VIDA FINANCEIRA ESTÁVEL, OFERECENDO TUDO O QUE VOCÊ PRECISA E DESEJA? SIM NÃO

11. SEUS PAIS OU OUTRO RESPONSÁVEL LHE DÃO ATENÇÃO?

SIM NÃO

12. PARA VOCÊ, O QUE FALTA EM SUA FAMÍLIA?

NÃO FALTA NADA.

MAIS UNIÃO.

CONDIÇÕES FINANCEIRAS MELHORES.

OUTRO _____

13. QUE NOTA DE 0 A 10 VOCÊ SE DARIA COMO ALUNO? _____